

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 12	N. 2	p. 141-149	2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------	------------	------	----------------

TESOURO LEXICAL DO SÉCULO XVII

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida*

RESUMO: Pela análise das acepções de alguns verbetes que compõem um *Thesaurus* seiscentista, buscamos revelar aspectos da vida sócio-cultural ou manifestações do espírito de uma sociedade que, com seus valores e conceitos, alicerçou a nossa miscigenada cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVES: Filologia portuguesa. Léxico. Língua e Cultura.

ABSTRACT: This paper analyses definitions of some entries in a seventeenth century *Thesaurus* in order to reveal aspects of the way of life, the social beliefs, the concepts and the moral of a society which laid the foundations of the mixed race Brazilian culture.

KEYWORDS: Portuguese philology. Lexicon. 17th century. Language and culture.

É o texto, manuscrito ou impresso, o principal objeto do estudo filológico e literário ou estudo da literatura escrita. O primeiro, no sentido mais lato, tem como *corpus* textos literários, históricos, jurídicos, religiosos e filosóficos, enquanto o segundo tem no texto literário o seu único objeto.

Nestes dois rumos de investigação científica, dependendo do nosso objetivo, podemos levantar aspectos da cultura de uma

* Manoel Mourivaldo Santiago Almeida é professor e pesquisador da Universidade de São Paulo. Sócio correspondente da Academia Brasileira de Filologia.

sociedade. Trata-se, dentre outras, de uma das funções da filologia chamada transcendente, em que

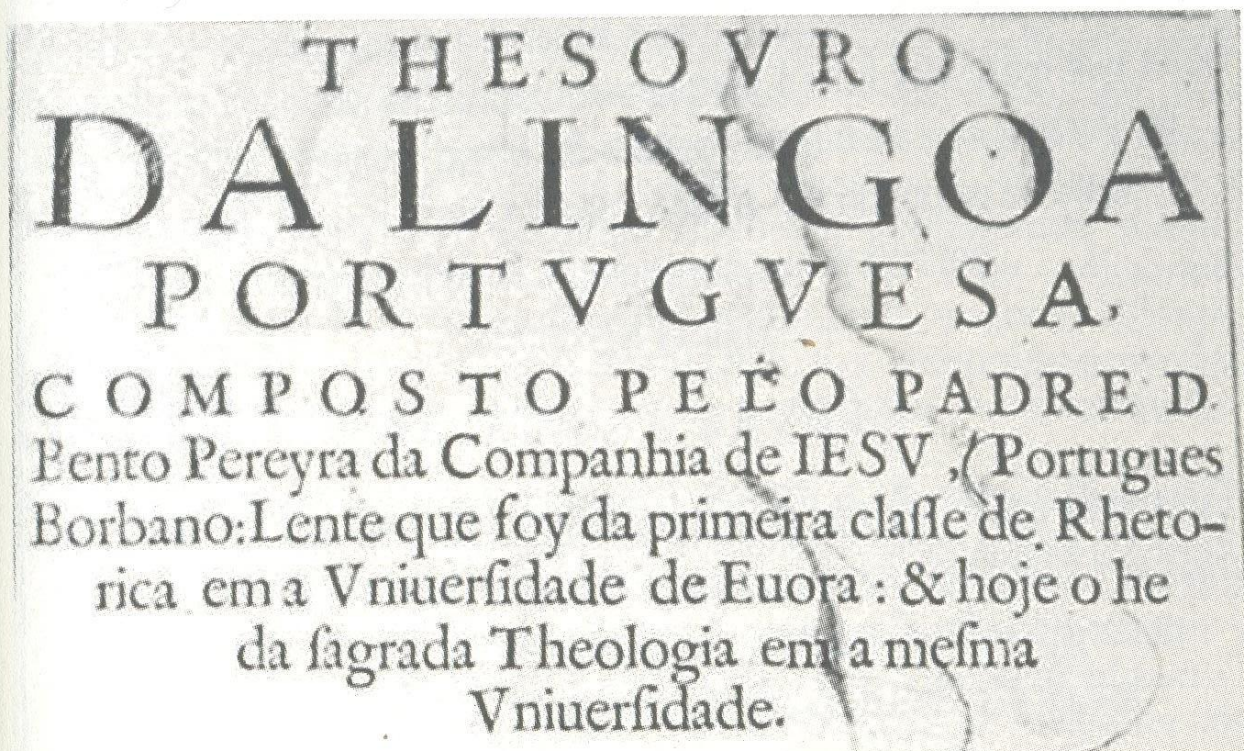
o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. (SPINA, 1977, p. 77).

Isso quer dizer que podemos, através dos textos de natureza variada, trazer para nossos dias aspectos sócio-históricos de povo, de uma civilização, em um dado momento e, no seu interior, rememorar seu itinerário cultural e lingüístico. Trazer a tona memórias capazes de desvendar o que, numa leitura apressada, pode parecer inteligível para muitos de nós e também pode possibilitar a (re)interpretação de conceitos e preceitos que nos são ditados às vezes como dogmas ou verdades absolutas. No mínimo as memórias registradas nesses textos nos fazem interrogar os tais ditos (Cf. Santiago-Almeida, 2005). Esta função do labor filológico se aproxima do conceito *lato sensu*, aqui resumido, que Silva Neto (1957) dá à própria filologia, referindo-se à portuguesa: “o estudo largo e profundo dos textos”, buscando neles “a mensagem intelectual” contida.

Foi, em 1998, lendo uma obra impressa seiscentista na Biblioteca do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa que desenhei com traços mais fortes a indagação que impulsionara minha primeira viagem a Portugal: encontrar, nos trabalhos dialetológicos elaborados pelos colegas portugueses, indícios de fenômenos no sistema sonoro da língua que provassem ou pelo menos levantassem suspeita sobre a existência de camadas lingüísticas de diferentes estágios ou fases históricas do português presentes na fala brasileira; e daí interrogar se o que experimentamos por aqui deve tributo apenas à deriva do contato lingüístico entre brancos portugueses (de mais de uma região de Portugal, caracterizando, por isso, um contexto de pluridialeto ou com mais de uma variedade lingüística), índios e negros (de mais um tronco etnolingüístico, além do tupi e do banto,

caracterizando não só um contexto de pluridialeto como também de plurilingüismo).

A interrogação porosa foi estendida para o nível lexical e por extensão, indo mais longe, ao cultural, porque o estudo do léxico de uma língua corrente em uma determinada época pode trazer à tona provas ou pelo menos indícios de que muitos aspectos da nossa cultura brasileira não devem, segura e exclusivamente, seu “jeitinho” de ser ou de resolver as coisas à miscigenação branco, índio e negro, como muita gente teima em nos imprimir com ferro em brasa (Cf. SANTIAGO-ALMEIDA, 2005). Antes, porém, vamos conhecer a obra.



TEM TODOS OS VOCABULOS PORTUGUESES QUE
trazem Cardoso, & Barbosa, & de nouo outros muytos mil, em tanta copia, que só os
vocabulos acrescentados são outros tantos, & mais, que todos quantos
tem os sobreditos Vocabularios.

E ASSIM PERA QUE

SE VEIA A FALTA DE VOCABVLARIO EM
que estauamos, com descredito de nossa lingua, sendo injustamente de al-
gũs julgada por menos copiosa, pode aduertir o curioso leitor nos voca-
bulos que leuaõ este sinal † porque nenhum delles traz o Vocabulario
de Barbosa, que he o mais copioso: & se bem aduertir, acharà que
muy de ordinario vão assinalados a fio seis, dez, vinte, & mais
em cuja proua, por exemplo, se podem ver os
lugares seguintes.

ENTRE A PALAVRA

Encartada cousa, & a palavra Encodeadura traz só dous, & nós quarenta & sete. Entre Eterna, & Examinar traz só dous, & nós quarenta & hum. Entre In-
nouar, & Instrumento traz seis, & nós quarenta & seis. Entre Recam-
bio, & Reclamar, traz hum, & nós quarenta & sete. Entre Trado,
& Trapaça, traz noue, & nós setenta & tres.

E M L I S B O A.

Com licença da S. Inquisiçam, Ordinario, & del Rey.

Na officina de Paulo Craesbeeck, & à sua custa. Anno 1647.



O “*THESOVRO DA LINGOA PORTVGVESA* (1647), composto pelo Padre D. Bento Pereyra da Companhia de IESV” é uma rara e reconhecida fonte de referência dentro da história lexicográfica lusitana e, principalmente, importante para a fixação da nomenclatura lexical de nossa língua.

Na história da lexicografia portuguesa – que tem sua origem no século XI, como testemunham os manuscritos do *Elementarium* (cód. 1050) de Papias ainda conservados em Portugal – conta-nos Verdelho (2002), da Universidade de Aveiro, que Bento Pereira figura como destaque dentro da chamada Lexicografia dos Jesuítas.

No itinerário histórico dos dicionários portugueses, outras obras também de referência antecedem esta fase jesuítica, como o dicionário Latim / Português / Espanhol de Amaro Reboredo: *Raízes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario* (1621) e autores, como Agostinho Barbosa e seu *Vocabulário* (1611) e Jerônimo Cardoso, considerado o pai da lexicografia da língua portuguesa, e seus dicionários, especialmente o *Dictionaruim ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562). Os vocabulários destes dois autores, dentre outros citados pelo próprio Pereira, serviram de base para a composição do *Tesouro*.

Ainda segundo Verdelho (1987), o *Thesaurus* compõe um conjunto de obras do jesuíta Bento Pereira. Uma delas é *Prosódia*, um volumoso manual escolar composto por um dicionário latim-português, publicado em 1634, que teve sucessivas reedições por mais de um século: até 1750. Pelo seu fabuloso número de edições, *Prosódia* não podia deixar de ser o trabalho mais representativo do Padre Pereira. O *Tesouro* se juntou a esta obra em 1661, quatorze anos depois de sua publicação autônoma, em 1647.

No decurso do século XVII, o *Tesouro*, revisto e ampliado, teve sucessivas reedições, fixando-se a partir de 1697 com mais de vinte mil entradas. Além de prefigurar desde então toda a capacidade inovadora do vocabulário moderno, o *Tesouro* passou a ser no seu tempo uma importante referência normativa para a língua portuguesa e sem dúvida contribuiu para modelar a tradição ortográfica. E foi, conforme Verdelho (2002), “o primeiro

'corpus' do léxico português formado a partir do património textual" lusitano, como se pode ler logo no início da primeira edição, a de 1647, a relação das fontes textuais utilizadas pelo Padre Bento Pereira. Eis alguns: Luís de Camões – o poeta, João de Barros – o gramático e Duarte Nunes de Leão – o ortógrafo, para ficar com os mais conhecidos.

É em virtude do seu incontestável valor histórico para o estudo do léxico e da ortografia ou a norma gráfica do português que consideramos esta edição *princeps*, de 1647, digna e necessária de uma reedição comentada. Além deste objetivo pontual e futuro, a intenção também é trazer à tona, como dita a função transcendente da filologia, o pensamento, a cultura portugalense seiscentista que, pela análise deste testemunho escrito, se torna observável na extensão semântica de cada um dos seus verbetes.

Sem entrar na discussão do que seja primitivo e derivado, vamos destacar duas palavras de mesmo lexema: I) Abarregar-se, II) Abarregado(a).

I) Abarregar-se

Grafado *abarregarse*, apresenta, na mesma entrada, o sinónimo *amancebarse*. Escreveríamos hoje *amancebar-se*. Em latim, *in pellicatum alicuius coire*. Vertido: *juntar-se a alguém em concubinato ou mancebia*.

Esse correspondente latino, atribuído pelo dicionarista, já nos dá o tom de sua malha semântica na sociedade portuguesa de então, ou pelo menos, na censura do Padre Pereira devida e cuidadosamente calibrada para conseguir as necessárias permissões (*facultates*) da Santa Inquisição e da Sociedade de Jesus Cristo, sem as quais se não conseguiria a mercê ou financiamento real para a impressão.

O estudo fica saboroso se nos aventurarmos pelo estudo etimológico profundo dos elementos que compõem o sintagma latino escolhido pelo autor do *Thesouro*.

O verbo *coeo, coire*, da quarta conjugação latina, tem as formas nominais do supino *coitum*, do particípio *coitus, a, um* e do substantivo *coitus, us*. Dessa raiz temos em português o

substantivo *coito* com sua acepção mais comum: *cópula carnal, ato sexual*. No entanto essa não é a única acepção a que se restringe *coire*, mas foi a que, sem nenhuma inocência, se popularizou.

Esse é um verbo que, em latim, pode ser transitivo e intransitivo. No primeiro caso, pode significar *contratar e formar aliança com alguém*. Um exemplo desta última acepção, abonado por Cícero, remete ao conceito negativo desse verbo na cultura romana: *formar uma sociedade com alguém para o crime*. Na escrita ciceroniana: *societatem sceleris cum aliquo coire*. No segundo caso, são cinco acepções: 1) *reunir-se*; 2) *aliar-se*; 3) *aproximar-se*; 4) *ter cópula carnal, transar*; e 5) *combater*.

II) Abarregado(a)

Hoje, os dicionários, que registram esse adjetivo (na forma masculina), não fazem nenhuma referência a respeito de com quem o fulano se abarrega ou se amanceba.

No *Thesouro* a história é diferente. Há a entrada para a forma masculina, *abarregado*, com o correspondente latino *concupinarius,ii*, e duas entradas para a forma feminina, *abarregada*, distinguidas pelos correspondentes em latim. Se a dona abarrega-se com um homem solteiro, temos *concupina,ae*, se o abarregamento for com um sujeito casado, então temos *pellex,pellicis* ou *succuba,ae*.

Então vamos à etimologia latina para tentarmos entender essa discriminação.

Concupina, que quer dizer *companheira de cama, amante*, concorre, em latim, com a forma *concupa*, cuja estrutura morfológica resulta da preposição arcaica *com* (cum) mais o tema do verbo *cubo,cubare* (com + cuba), um verbo durativo, indicador de estado.

As acepções de *cubare* fazem referência a ficar na posição horizontal: "(estar) deitado, estirado, em repouso". Dentre essas acepções temos: "dormir com", e "ter relações carnis". Nos derivados latinos desse verbo incluem-se: *accubo,as* (estar deitado perto, ou ao pé de alguém); *decubo,as* (estar deitado); *incubo,as*

(estar deitado sobre); *recubo,as* (estar deitado para trás, estar deitado de costas).

Há também os correspondentes em *-cumbo*, que denotam a ação em andamento: *accumbo,is* (deitar-se junto de); *decumbo,is* (deitar-se na cama, pôr-se num leito, cair morto); *incumbo,is* (deitar-se a); *procumbo,is* (inclinar-se para diante, debruçar-se, curvar-se, atirar-se, prostrar-se, abaixar-se, estar em lugar baixo); *recumbo,is* (deitar-se, pôr-se à mesa). Os dicionários portugueses listam mais de sessenta verbetes derivados de *-cubo* ou *-cumbo*.

Succuba,ae, que, segundo o *Thesouro*, denota a mulher amancebada com homem casado, também é derivado desse mesmo verbo e quer dizer, literalmente, “estar deitado(a) sob” ou ainda “cair debaixo, sucumbir, ser vencido(a)”.

Até aqui não é possível conjecturar com segurança o porquê de esses dois verbetes (*concupina* e *succuba*) distinguirem o estado civil dos amantes masculinos de quem quer que seja a mulher. O que pode causar alguma suspeita seja o fato de que todas as acepções listadas de *succuba* (mulher amancebada com homem casado) sugerirem mais submissão do que as descritas para os demais derivados de *-cubo* ou *-cumbo*.

Quanto à forma *pellex,pellicis*, que também nomeia a mulher que tem relações carnis com homem casado, há indicação de que deriva do verbo grego *pálllein* (empunhar, agitar) donde, provavelmente, deriva-se o substantivo *pallax*, que quer dizer, em grego, “homem ou mulher jovem”.

Esse substantivo também nomeia a deusa *Atena*, da mitologia grega, que muitos grafam *Palas Atená*. *Pallax* dá, em latim, origem a *pellex* < *paelex*. Na esteira das variações gráficas e semânticas de *pallax*, há também em latim o adjetivo *pellax*, que quer dizer “(homem) enganador, falaz, pérfido”.

Por essa acepção, somada às demais de *pellex* (mulher violada, corruptora, homem prostituído, favorito) e à lenda do nascimento de *Atena* ou *Palas*¹, podemos inferir, também por

¹ Conta a mitologia grega que *Atena* (*Aθηνά* ou *Atená*), deusa da sabedoria, foi gerada na cabeça de *Zeus*, seu pai, depois deste ter engolido sua esposa *Metis*, já grávida de *Atena*, temendo ser destronado pelo futuro filho. Para tanto *Zeus* ludibriou *Metis*, pedindo que ela se transformasse numa mosca. Um dia *Zeus*

suspeição, o que pode ter motivado Bento Pereira a grafar no *Thesouro* o correspondente latino *pellex, pellicis* (ao lado de *succuba, ae*) para distinguir a mulher abarregada ou amancebada com homem casado.

Teria ainda *abarrisco*, correspondendo em latim aos advérbios *promiscuē* (promiscuamente, em confusão), *confusē* (confusamente, sem ordem) e *copiosē* (eloqüentemente, abundantemente), para compor o time, mas por hora basta.

Os dois verbetes anteriores são suficientes para darmos conta do propósito deste artigo. Qual seja: podemos, através de textos de natureza variada, trazer para nossos dias aspectos sócio-históricos de um povo, de uma civilização, em um dado momento, rememorando seu itinerário cultural e lingüístico e revelando valores e (pre)conceitos que alicerçaram nossa miscigenada cultura brasileira.

Bibliografia

- MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Memória fonológica do português no Brasil Colonial. In: *ECOS* 3. 2005, p. 89-98.
- SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.
- VERDELHO, T. Latinização na história da língua portuguesa: o testemunho dos dicionários. In: *Arquivos do Centro Cultural Português* 23. 1987, p. 157-87.
- VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES J. H. / PETTER, M. (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo/Campinas: Humanitas/Pontes. 2002, p. 15-64.
- SILVA NETO, S. da. *Manual de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

sentiu uma forte dor de cabeça, donde, depois da machadada desferida por Hefesto, saiu Atena já adulta.